

Fibrose cística pode ser uma situação clínica em adultos?

A fibrose cística (FC) pode ser um problema médico em adultos? Sim, é o que nos mostra o trabalho *Características dos Pacientes Adolescentes e Adultos com Fibrose Cística do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, publicado nesta edição da *Revista da AMRIGS* por Kang, SH e colaboradores.

O atendimento dos pacientes com fibrose cística no Rio Grande do Sul passou, ao longo dos anos, por várias etapas. Durante a década de 70, diagnosticavam-se aqui apenas casos isolados, e não se entendia por que não eram identificados, com a frequência esperada, os portadores da doença em nosso Estado. Os grupos associativos de pacientes portadores de FC já existiam há muitos anos em países mais desenvolvidos, mas, por permanecer sendo uma situação de raro diagnóstico no sul do país, apesar dos esforços dos pediatras e pneumologistas da época, ainda não havia estímulo para levar adiante aqui tal tipo de organização associativa e, nem mesmo, série de casos podia ser organizada para publicação.

O trabalho que o grupo do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) nos apresenta nesta edição da *Revista da AMRIGS* mostra que essa situação mudou radicalmente.

O avanço global da Medicina, com novos conhecimentos e possibilidades diagnósticas e terapêuticas, repercutiu positivamente em muitas áreas em nosso meio, e também no atendimento dos mucoviscidóticos, passando esta situação clínica a ganhar a dimensão esperada dentre os diagnósticos diferenciais das pneumopatias da infância. A equipe da Pneumologia Infantil do HCPA adaptou-se a esses novos tempos, constituindo-se desde a década de 80 em um reconhecido centro de tratamento da FC.

Com isso, tais doentes, agora também no Rio Grande do Sul, passaram a obter uma sobrevivência nitidamente melhor, próxima à descrita pela literatura, apontando para algo impensável até há poucos anos: um percentual significativo deles podia atingir a adolescência e mesmo a fase adulta. Essa nova situação passou a exigir programas específicos para esse novo grupo de pacientes, os adultos com FC.

No final da década de 90, foi então instituída, pelo Serviço de Pneumologia daquele hospital, uma equipe interdisciplinar para tratar os pacientes portadores de FC que ultrapassassem a faixa pediátrica.

Essa experiência adquirida pela equipe do HCPA nos é ora relatada, em um trabalho que não é apenas mera descrição de resultados, pois também nos atualiza na conceituação da doença e, em suas variantes fenotípicas, nos facilita o entendimento dos escores de avaliação clínica e nos descreve minuciosamente como utilizar e valorizar os exames subsidiários em uma bela sessão Material e Métodos, útil a todos os pediatras e aos clínicos de adultos. O reconhecimento de que os esquemas terapêuticos atuais para portadores de FC necessitam o trabalho conjunto de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, microbiologistas, nutricionistas e assistentes sociais também está bem claro na Discussão. Só assim, as novas opções terapêuticas podem, juntamente com suporte nutricional adequado, fisioterapia respiratória e para revigoramento muscular bem orientadas, proporcionar ao doente não só sobrevida maior, mas com nítida melhoria de sua qualidade de vida.

O sucesso dessa iniciativa é um bom exemplo ao mostrar que as novas provocações de uma velha doença podem ser vencidas graças a um trabalho em equipe, levando a resultados interessantes a todos nós, profissionais da saúde, mas, em especial, aos mais beneficiados, os nossos pacientes.

DR. JOSÉ MIGUEL CHATKIN
Editor Associado *Revista da AMRIGS*